

METAMORFOSES DO CIRCUITO INFERIOR RESIDENCIAL: UMA ANÁLISE DA DINÂMICA COMERCIAL DO BAIRRO TRÊS IRMÃS, CAMPINA GRANDE-PB (2017-2018)

Metamorphoses of the lower residential circuit: an analysis of the commercial dynamics of the Três Irmãs neighborhood, Campina Grande-PB (2017-2018)

Metamorfosis del circuito residencial inferior: un análisis de la dinámica comercial del barrio de Três Irmãs, Campina Grande-PB (2017-2018)



Davidson Matheus Félix PEREIRA – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9262-2004>
URL: <http://lattes.cnpq.br/1310549309659331>
EMAIL: davidsonacrata@outlook.com

Lincoln da Silva DINIZ – Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6448-0486>
URL: <http://lattes.cnpq.br/9661738814291410>
EMAIL: lincoln.ufcg@gmail.com

Gustavo dos Santos COSTA – Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5380-8527>
URL: <http://lattes.cnpq.br/8522385997156286>
EMAIL: costagustavo632@gmail.com

Histórico do artigo

Recebido: 09 fevereiro, 2022

Aceito: 26 abril, 2022

Publicado: 05 maio 2022

RESUMO

O presente texto apresenta algumas reflexões sobre o processo de segregação socioespacial e sua relação com a dinamização comercial nas periferias urbanas com o objetivo de compreender a dinâmica socioespacial da Feira Sudoeste no bairro Três Irmãs, Campina Grande-PB. Para tanto, identificamos os principais fatores que resultaram na criação desta feira, bem como sua função na localidade, considerando a circulação de consumidores, comerciantes, mercadorias e capitais. Como concepção teórico-metodológica, adotamos os conceitos de “circuito inferior residencial” e “circuito inferior central” trabalhados por Milton Santos (1979) em sua obra “O Espaço Dividido”, isso nos possibilitou analisar as diferenças entre a dinâmica dos comércios periféricos com relação aos comércios ligados ao centro da cidade. Para tanto, utilizamos uma metodologia quali-quantitativa, pautada na pesquisa *in loco*, mediante a aplicação de entrevistas semiestruturadas, de questionários estruturados, bem como, da captura de fotografias. De tal maneira, ao final da pesquisa constatamos que a respectiva feira exercia um importante papel na dinamização econômica do mencionado bairro, ofertando às camadas mais pobres da população possibilidades de emprego e de consumo de produtos perecíveis e não-perecíveis a baixo custo. Pode-se observar uma real estratificação socioespacial nessa área periférica, com a existência de moradores com diferentes possibilidades de acesso aos mercados localizados no centro da cidade.

Palavras-chave: Circuito inferior residencial; Estratificação socioespacial; Segregação urbana; Campina Grande-PB; Feira Sudoeste.

ABSTRACT

This present text presents some reflections on the process of social and spatial segregation and its relationship with the commercial dynamization in peripheral urban areas, in order to understand the social and spatial dynamics of the Feira Sudoeste in the Três Irmãs neighborhood, Campina Grande-PB. For that, we spotted the main factors that resulted in the creation of this fair, such as its role in the local area, regarding the flow of consumers, traders, goods and capital. As a theoretical and methodological conception, we adopted the concepts of "lower residential circuit" and "lower central circuit" worked by Milton Santos (1979) in his work "The Divided Space", this allowed us analyzer the differences between the dynamics of the peripheral stores in relation to the stores linked to the city center. For this, we use a qualitative and quantitative methodology, based on in loco research, benefiting from the application of semi-structured interviews, structured questionnaires, as well as, of the capture of photographic images. In such a way, at the end of the research we found that the respective fair played an important role in the economic dynamism of the mentioned neighborhood, offering to the poorest segments of the population possibilities of employment and consumption of perishable and non-perishable products at low cost. It was possible to observe a real socio-spatial stratification in this peripheral area, with the existence of residents with different possibilities of access to the markets located in the city center.

Keywords: Residential lower circuit; Socio-spatial stratification; Urban segregation; Campina Grande-PB; Feira Sudoeste.

RESUMEN

El presente texto presenta algunas reflexiones sobre el proceso de segregación socioespacial y su relación con las dinámicas comerciales en las periferias urbanas con el objetivo de comprender la dinámica socioespacial de la Feria Sudoeste en el barrio Três Irmãs, Campina Grande-PB. Para tal fin, identificamos los principales factores que dieron lugar a la creación de esta feria, así como su función en la localidad, considerando la circulación de consumidores, comerciantes, mercancías y capitales. Como concepción teórica y metodológica, adoptamos los conceptos de "circuito residencial inferior" y "circuito central inferior" trabajados por Milton Santos (1979) en su obra "El espacio dividido", que nos permitieron analizar las diferencias entre la dinámica de los comercios periféricos en relación con los comercios vinculados al centro de la ciudad. Para tal fin, utilizamos una metodología cualicuantitativa, basada en la investigación in loco, mediante la aplicación de entrevistas semiestructuradas, cuestionarios estructurados, así como la captura de fotografías. De esta manera, al final de la investigación comprobamos que la respectiva feria desempeñó un importante papel en la dinámica económica del mencionado barrio, ofreciendo a las capas más pobres de la población posibilidades de empleo y consumo de productos perecederos y no perecederos a bajo costo. Se observa una verdadera estratificación socioespacial en esta zona periférica, con la existencia de residentes con diferentes posibilidades de acceso a los mercados situados en el centro de la ciudad.

Palabras Clave: Circuito residencial inferior; Estratificación socioespacial; Segregación urbana; Campina Grande-PB; Feria Sudoeste.

1 INTRODUÇÃO

Os processos de formação e dinamização do espaço urbano em Campina Grande, nos últimos anos, têm se redirecionado em padrões difusos em virtude do desaceleramento

do crescimento populacional. Este fato decorre das novas práticas de governança urbana adotadas pelos agentes políticos e econômicos da cidade, que coordenam e manipulam o uso e ocupação do solo em um sentido quase que unidirecional do perímetro urbano (MAIA, 2010).

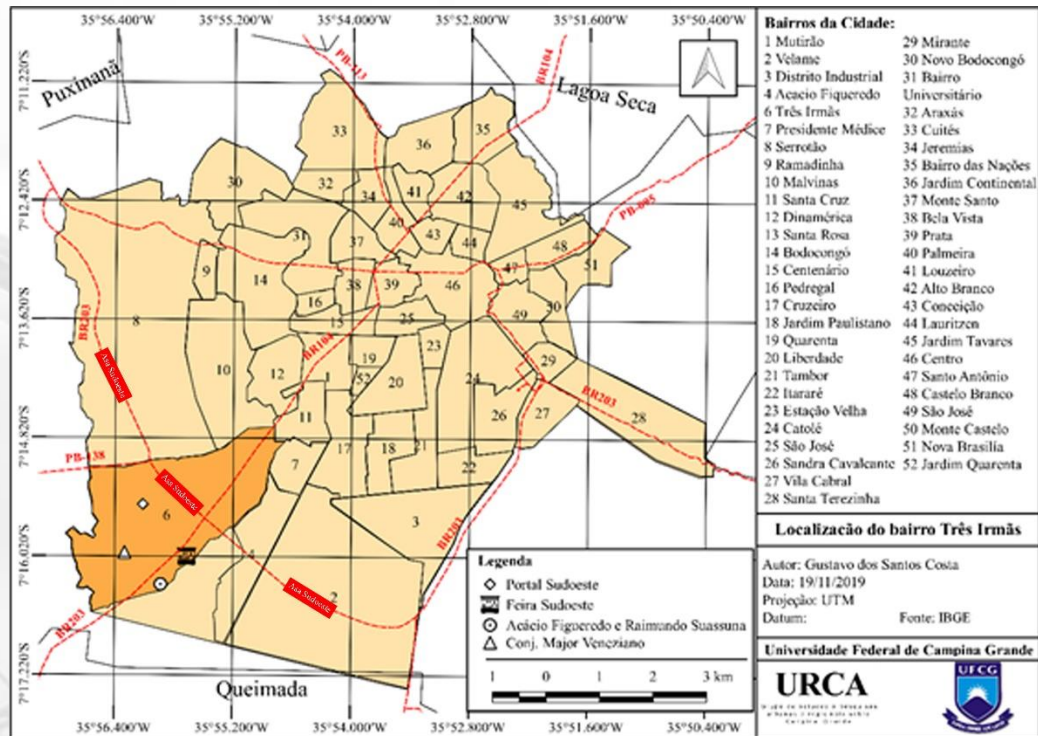
Intensifica-se, portanto, a ocupação da Alça Sudoeste da cidade, com vistas a reaver o crescimento urbano exponencial necessário ao aumento da extração de renda¹ na cidade. Este modelo urbano tem asseverado as desigualdades socioespaciais, à medida que causa um espraiamento urbano crescente, condicionando a camada mais pobre da população para as bordas da cidade, longe do centro e das condições econômicas mínimas para reprodução da vida. Esses mesmos habitantes se veem obrigados a utilizar determinadas estratégias e práticas espaciais com a finalidade de reproduzirem-se socialmente. Assim, gerando o alargamento estrutural e espacial do circuito inferior, o qual encontra-se, intrinsecamente, relacionado ao processo formação e reformatação do espaço nas áreas periféricas.

Esse fenômeno encontra-se em expansão devido às atuais políticas habitacionais do município, caracterizadas pela construção de conjuntos habitacionais em espaços cada vez mais periféricos, como é o caso dos conjuntos habitacionais: Major Veneziano, Acácio Figueiredo e Raimundo Suassuna, situados no bairro Três Irmãs², (Figura 01). Mediante esta reconfiguração da forma urbana, estes conjuntos foram alocadas nas margens do perímetro urbano. Por consequência, distanciando esta população dos aparelhos fundamentais ao bem-estar social, promovidos tanto pelo poder público quanto pela iniciativa privada, mas que tendem a se concentrar em áreas centrais e subjacentes, como clínicas médicas, órgãos públicos, feiras, supermercados e hipermercados, além de lojas especializadas e os atacarejos³.

1 Os privilégios de monopólio da propriedade privada surgem das qualidades absolutas do espaço que são institucionalizadas de certo modo. Na esfera da atividade social o espaço absoluto emerge como a base da renda de monopólio. Mas, o espaço absoluto em geral superado pela interação entre diferentes esferas de atividade em diferentes localizações e os atributos relativos do espaço emergem como princípio condutor para o estabelecimento tanto da renda diferencial como absoluta, embora o espaço absoluto extraia sua taxa em todos os casos através do privilégio de monopólio da propriedade privada. (HARVEY, 1980).

2 De acordo com o IBGE (2010), o bairro Três Irmãs é o sétimo bairro mais populoso de Campina Grande totalizando 12.209 habitantes, localizado na zona sul da cidade. O referido bairro perpassou por consideráveis transformações em sua estrutura urbana, especialmente, no que tange a mobilidade espacial e social, resultantes de um singelo aumento na qualidade de vida da população decorrente da expansão das políticas de assistencialismo. Nesse contexto, um fenômeno que chama atenção é a criação do espaço comercial no Condomínio Major Veneziano.

3 Segundo Araujo *et. al.* (2011), os atacarejos são formas comerciais desenvolvidas no Brasil que evoluíram do varejo convencional, assim, trazendo características do atacado. A flexibilidade é sua principal característica, pois consiste em comercializar em varejo, porém, com valores semelhantes ao de atacado.

Figura 01 – Mapa de Localização do Bairro Três Irmãs.

Fonte: elaboração dos autores; base cartográfica IBGE (2018).

Arelado a esta nova configuração urbana, problemas comuns à urbanização brasileira, como o desemprego latente e crescente, apresentam efeitos potencialmente mais drásticos para os cidadãos situados na periferia da cidade, sendo esta portadora de fluxos de capital reduzidos. Nestas localidades, a ausência de oportunidades para a população economicamente ativa contribui diretamente para a inserção destes no mercado de trabalho informal, tornando-se um ambiente fértil para a expansão das mais variadas formas de precarização do trabalho. Embora saibamos que a inserção do trabalhador no trabalho formal nem sempre significa melhores condições de reprodução da vida.

Esses novos espaços produzidos são resultantes da permanente necessidade de (re)produção do capital, ou seja, da necessidade de o capitalista evitar a desvalorização de seu capital, via crescente circulação e distribuição, gerando, assim, uma busca incessante pela expansão do consumo. De acordo com Harvey (2005), a (re)produção das relações de produção se estruturam sobre o paradoxo concentração-dispersão que, por sua vez, induzem o crescimento dos fluxos de mercadorias, a expansão espacial dos mercados e a inclusão perversa dos trabalhadores mais pobres. Nesse sentido, observa-se que de modo ainda contraditório, na periferia concentram-se as atividades que buscam reproduzir, ainda que precariamente, as novas tendências e formas comerciais, enquanto que no centro

encontram-se concentrados os modelos de referência, embora haja a coexistência das formas comerciais precárias e racionalizadas tanto na periferia como no centro.

Diante deste contexto, buscamos retomar uma discussão iniciada por Santos (1979), o qual associa o fenômeno da urbanização com a dinâmica econômica das cidades dos países subdesenvolvidos, criando uma de suas principais teorias, a Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana dos países subdesenvolvidos⁴. De acordo com Santos, é fundamental pensar a dinâmica econômica urbana associada a outras problemáticas, a exemplo da distribuição espacial das técnicas, da pobreza urbana e da segregação socioespacial. Desse modo, indiretamente, sua discussão logo alcança outra problemática, a contradição centro-periferia e como estas duas dimensões se interrelacionam.

Segundo Mestre (2017), o desenvolvimento do circuito inferior é resultante da reação das camadas mais pobres da população frente ao processo de reprodução capitalista, caracterizado pela desvalorização da força de trabalho e aumento do desemprego. O circuito inferior passa a ser um agregado de diversas adequações sociais, espaciais e econômicas, caracterizadas pela solidariedade das ações e da comunicação na localidade e em seu entorno, (re)construindo as táticas de enquadramento social das camadas populares.

Com base nos pressupostos apontados, objetivamos compreender o papel do circuito inferior residencial na dinamização econômica do bairro Três Irmãs. Para tanto, esta pesquisa contou com o uso de dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como os arquivos *Shapefiles* utilizados na elaboração dos mapas e os dados relativos as características gerais da população do Município de Campina Grande. Soma-se a estes dados as informações coletadas *in loco*, através da observação do objeto e, da aplicação de entrevistas e questionários estruturados.

A aplicação destes questionários foi realizada com base em Barbeta (2003), que indica que a aplicação de questionários para pequenos quantitativos de populações é, em sua maioria, dispensável de planos de amostragem, podendo abordar quantitativos superiores a 80% do total. Nesse sentido, a aplicação de questionários aos feirantes, enquanto uma amostra não-aleatória simples, correspondeu a 80% (66 questionários) dos feirantes situados no respectivo dia da aplicação. No caso dos consumidores, enquanto uma amostragem aleatória simples, foi possível estipular o total de consumidores, devido

4 Ao contrário do que era vigente na época, Santos (1979) não propõe uma perspectiva dual sobre a dinâmica econômica, concebendo a economia constituída por dois circuitos, conceitua-os de modo dialético. Assim, circuito superior e circuito inferior são interdependentes e esta relação que estrutura o contraditório processo de acumulação capitalista, espacialmente desigual.

às variações nos fluxos, portanto, optamos por uma outra técnica, a amostragem por tempo, ficando no recinto das 08:00 às 11:00, o que resultou 52 questionários aplicados.

Contudo, para além de compreender o papel da Feira Sudoeste na dinamização do bairro Três Irmãs, alguns outros questionamentos se fizeram necessários: Qual a relação entre o circuito inferior da economia urbana e a periferia urbana da cidade de Campina Grande? Em que contexto socioespacial é formada a feira sudoeste? Como os respectivos trabalhadores da Feira Sudoeste desenvolveram práticas espaciais que possibilitassem a (re)produção dessas relações sociais e permanência desse espaço. Estas questões nos direcionaram e tentaram ser elucidadas ao longo do presente texto.

2 A FEIRA SUDOESTE: A EMERGÊNCIA DE UMA INICIATIVA

Em 2018, A paisagem monocromática e cartesiana das casas do conjunto habitacional Acácio Figueiredo era cortada pelo colorido das bancas, das frutas, verduras, roupas; pelo vívido fluxo de diferentes pessoas do Bairro Três Irmãs e de outros conjuntos e outros tantos bairros próximos, as conversas entre os comerciantes, a correria das crianças, o bingo, os palhaços que animavam as crianças, a passagem dos cães e gatos davam vida ao local, que em um raio de alguns quilômetros não se encontrava em mesma medida. Pelas manhãs dos finais de semana, rapidamente conseguia-se perceber a transição de uma forma estática, para a do espaço vivido.

Assim, a referida feira se consolidava como um espaço direcionado ao lazer da população local, integrando parte da comunidade local da qual busca no recinto diversas formas de consumo do espaço⁵. A Feira Sudoeste foi criada em agosto de 2017, sua formação foi resultado das ações do Projeto Recomeçar, realizado pela Organização Não-Governamental (ONG) Movimento Ajuda Mútua (MAM). Segundo o relato de Assis Cordeiro, idealizador do projeto e responsável pelo surgimento da referida feira livre, esta surge como uma iniciativa social cujo objetivo era organizar a população local para que pudessem, de modo autônomo, desenvolver relações comerciais simples, como a compra e venda de alimentos e troca de bens, com finalidade de empregar parte da mão-de-obra local e ofertar mercadorias a baixo custo.

⁵ Na sociedade do consumo, o espaço, gradativamente, deixa de ser compreendido com uma base onde os processos e fenômenos sociais acontecem e torna-se protagonista dos processos socioespaciais. Neste sentido, o espaço passa a ser pensado, produzido e projetado para finalidades específicas, assim tornando-se uma mercadoria e, por consequência, objeto de consumo.

Ainda segundo o mesmo, nos primeiros meses a feira apresentou satisfatória progressão, período em que concentrou maior quantitativo de fluxos de pessoas e mercadorias, tanto no que se refere à presença de comerciantes quanto ao consumo. Este momento foi caracterizado pela assistência ofertada pelo MAM através de consultorias e de auxílio na organização do próprio espaço em dias de feira.

Ao analisarmos parte dos resultados obtidos durante os primeiros contatos com a Feira Sudoeste foi possível ter dimensão da função social da feira em questão, já que a mesma se apresenta como a única fonte de renda para 50% dos feirantes dispostos no recinto. Cabe destacar ainda que destes, mais de 70% são moradores do próprio bairro, os quais, segregados, não encontram outras possibilidades empregatícias complementares ou integrais. Esses dados expressam as características fundamentais do circuito inferior descrito por Santos (1979), no qual evidencia a volatilidade das relações sociais como elemento central das formas de trabalho inseridas neste circuito, causado pela instabilidade e fragilidade social.

Nesse sentido, o processo de formação da feira se deu através de ações da sociedade civil organizada, que buscou recursos por parte do poder público com o objetivo de reduzir a precariedade das formas de trabalho presentes na feira, como o comércio e alguns serviços, ampliando o acesso a banheiros químicos e a uma área reservada para as atividades da feira. Porém, no caso dos banheiros químicos, a concessão se venceu poucos meses depois, reduzindo o conforto no recinto, fazendo com que alguns feirantes interrompessem suas atividades no recinto, diminuindo o número de comércios e, por consequência, de consumidores.

Assim, como pode ser visto na figura 02, em 2018 as bancas estavam dispostas com relativa organização, em parte resultante do planejamento feito pela antiga coordenação da feira, sendo de responsabilidade da MAM. Por sua vez, a feira foi configurada de acordo com os produtos comercializados, dividindo-a nos seguintes grupos: 1) Frios, composto por carnes, laticínios, hortifrúti e outros produtos relacionados; 2) Variedades, composto por artigos de moda, acessórios de celular, artesanatos, itens de 1,99, entre outros e 3) Bares e lanchonetes. Além da área restante, que era utilizado para outras atividades como intervenções artísticas e culturais. Cada grupo dispunha de uma cor diferente para facilitar ao consumidor identificá-los.

Figura 02 – Barracas de frutas na Feira Sudoeste; **Figura 03**- Vista da chegada na feira.

Fonte: Estudo de Campo, abril de 2018. Acervo do autor (2018).

A formação da feira livre e a organização da localidade, apesar de constituir-se enquanto um processo orgânico e espontâneo, necessitaram de planejamento para desenvolver as atividades comerciais no recinto, tendo em vista que a mesma surgiu em uma estrutura espacial já consolidada e condicionada à dependência para com os longos deslocamentos e as atividades localizadas no centro comercial. A importância da organização civil e do planejamento realizado em conjunto com a comunidade é tanta que, paralelo do afastamento do MAM e da entrega da autonomia aos feirantes, ocorreram ressignificações no uso do respectivo espaço.

2.1 A relação entre segregação socioespacial e a feira

O fenômeno da urbanização se desenvolveu no Brasil, de modo mais nítido, a partir do século XX, acompanhado de outro fenômeno bastante característico do respectivo século, a industrialização. Assim como propõe Santos (1993), nos países periféricos a consonância destes fenômenos, intrinsecamente relacionados, apresentaram características peculiares, em sua maior parte, devido à urbanização tardia, à predominância do setor agrícola e à divisão internacional do trabalho. Acrescenta-se ainda a influência de grupos historicamente hegemônicos nas decisões do Estado.

De acordo com o referido autor, o principal efeito resultante destes fenômenos foi a expansão das metrópoles, gerando o adensamento demográfico, integrando diversas aglomerações e distribuindo os recursos técnicos de modo desigual. Diante deste contexto, formam-se também as áreas periféricas que, segundo Santos (1979), não devem ser definidas com base no fator distância, pois trata-se de uma análise meramente quantitativa, na qual é superada pelo desenvolvimento dos recursos técnicos, em virtude do aumento da velocidade dos deslocamentos. Por outro lado, há uma compreensão qualitativa, em que as periferias podem ser definidas a partir dos fatores de mobilidade e acessibilidade.

Villaça (2017) define o processo de segregação no Brasil fundamentado em outros princípios. Segundo o autor, a segregação é a ocupação de uma dada zona ou região do espaço intraurbano por uma classe ou grupo predominante. Por sua vez, os bairros das cidades brasileiras são densamente heterogêneos, principalmente os que concentram população de alta renda. No entanto, o inverso ocorre em bairros predominantemente ocupados por populações de baixa renda, onde a predominância é quase que total de uma classe bem definida. Assim, pode-se concluir que há um pequeno consenso entre as duas perspectivas: o processo de segregação socioespacial ocorre, de fato, com a parcela mais pobre da classe trabalhadora, servindo como barreira espacial, social e política.

Ainda de acordo com Villaça (2017), o que está implícito nos planejamentos urbanísticos é a valorização de parte do solo urbano, criando uma falsa visão do desenvolvimento urbano, pois permite a formação de espaços vazios nos centros e nas áreas intermediárias, expandindo o crescimento horizontal para as áreas onde o solo possui menor valor agregado, de frágil infraestrutura urbana, em sua maioria caracterizada pela organização espacial agrícola.

Por outro lado, as últimas décadas do século passado foram marcadas por uma reconfiguração da estrutura econômica, decorrendo na descentralização das indústrias e na “dissolução” das metrópoles e dos grandes distritos industriais, formando-se assim uma nova condição espacial urbana. Entretanto, esse quadro apenas agrava a situação das periferias, onde o velho se apresenta novamente, a massa de trabalhadores desempregados se amontoa e cria novas possibilidades de renda a partir do trabalho na feira, seja como renda principal ou complementar.

Esta temática deve ser pensada à luz de uma noção relativa de tempo, pois a distribuição desigual das técnicas e da renda não proporciona a democratização e constituição de uma temporalidade comum (SANTOS, 1997). Considerando que o modo de vida é determinado pelas técnicas que dispõe um dado lugar num dado tempo, a existência de vários modos de vida em uma mesma cidade não corresponde a mesma temporalidade, por isso os processos hegemônicos encontram limites, desembocando em tensões e conflitos, como aqueles encontrados no processo de formação da Feira Sudoeste.

Tendo em vista que a formação da feira põe em evidência um conflito de interesses pelo uso da terra urbana. Dado que, por um lado a Prefeitura, reservara o local para usos futuros, dentro de um pretense planejamento urbano, por outro lado, os moradores e trabalhadores desse lugar, intentavam por um lugar que oferecesse tanto condições de obtenção de renda, como um lugar de acesso a bens de consumo corrente. Nesse sentido,

a criação da feira emerge na contramão do planejamento urbano e da temporalidade hegemônica, em função da materialização de uma outra dinâmica socioespacial.

Isso porque, projeto desigual de modernização defronta-se com as demais práticas socioespaciais⁶, como aquelas análogas ao movimento dos indivíduos pela sobrevivência e emancipação enquanto sujeitos autônomos, podendo ocorrer de modo espontânea e organizada (SOUZA, 2013). Como destaca Mestre (2017), estas práticas são comuns ao circuito inferior da economia urbana que se caracteriza pela conexão com as camadas mais pobres da sociedade, expressando-se pela organicidade e instabilidade em sua dinâmica, resistindo aos processos e discursos hegemônicos, ofertando mercadorias e serviços a custos mais baixos, para tanto, utilizando-se de mão de obra intensiva e pouco capital.

Sua dinâmica faz deste circuito um bojo de articulações híbridas, que por um lado são opostas às racionalidades capitalistas hegemônicas, mas por outro, tendem a se articular com outros setores em maiores medidas ligados ao modo de acumulação capitalista. Assim, identificamos a formação da Feira Sudoeste como uma resposta à desintegração econômica de uma massa de trabalhadores, próprias da racionalidade do circuito inferior⁷ frente às contradições postas pela estrutura produtiva dominante, que em sua natureza impõe um modelo de desenvolvimento econômico e urbano contraditório e desigual.

Por sua vez, as características peculiares do circuito inferior da economia urbana só podem ser compreendidas mediante as relações sociais de escala local, incluindo as diferenciações dos pequenos deslocamentos, das relações de trabalho e do consumo imediato mais simples. Portanto, se faz necessário compreender sua relação com a comunidade local no que tange a empregabilidade e o abastecimento de mercadorias passíveis de análise através dos dados expostos no tópico seguinte.

3. CONFIGURAÇÃO SOCIOESPACIAL DO TRABALHO E DO CONSUMO NA FEIRA

Tal como nos coloca Santos (1997), o circuito inferior da economia urbana, assim como as demais variantes das relações sociais de produção, é contraditório e controverso. Por um lado, temos a organização das porções mais pobres da população em pequenos grupos localizados nos centros e nas periferias urbanas, buscando a sobrevivência cotidiana através da criatividade. Porém, por outro lado, funcionam como um pilar para a

6 Para Souza (2013), as práticas espaciais se referem ao movimento social cotidiano, organizado ou não, que, por sua vez, dinamiza e organiza o arranjo espacial, dando-lhe funcionamento e significado social.

7 "A melhor definição dessa racionalidade é o equilíbrio da miséria característica do circuito inferior" (SANTOS, 1979, p.203)

(re)produção do capital, encarregando-se de mediar a relação entre as populações mais pobres com o consumo moderno. Contudo, em sua maioria, através de imitações das mercadorias de referência.

3.1 O trabalho no circuito inferior residencial

A importância e a complexidade do circuito econômico aumentam a depender do tamanho da cidade, visto que a pobreza aumenta paralelamente ao porte da cidade. Dessa maneira, se exacerba da mesma forma a especialização das atividades do circuito inferior, em função do aumento da demanda e de novas necessidades. Chegando ao ponto do circuito inferior se distinguir de acordo com sua localização na cidade em dois: O circuito inferior central e o circuito inferior residencial (SANTOS, 1979).

Milton Santos enfatiza que a diferença entre esses dois circuitos inferiores não está apenas na localização, mas também em sua diferença de funcionamento. O circuito inferior central está ligado à população do centro da cidade e participa de um maior elo com as atividades dos setores modernos, dividindo, inclusive, parte da mesma clientela do superior.

Segundo, Montenegro (2006, p. 36), o circuito inferior atualmente está em expansão, em sua pesquisa acerca da dinâmica do circuito inferior, a referida autora analisa a dinâmica do circuito inferior central, em um contexto de desvalorização do meio construído nas áreas centrais de São Paulo. Segundo Santos (1979), no circuito inferior central, a disposição de um fluxo maior de cargas, capitais, e diferentes substratos sociais permite um novo nível de complexidade às atividades desempenhadas nessa localização.

Entretanto, nossa pesquisa, busca demonstrar a possibilidade de o circuito inferior residencial também estar em expansão, quando associado ao processo de periferização e da segregação, apesar dessa questão requerer novas pesquisas e um debate atualizado, como sugere em um aspecto mais abrangente Sposito (1999). Nesse contexto, nos aproximamos da leitura de Milton Santos, entendendo que o circuito inferior residencial se localiza “Nos bairros, [onde] é a *necessidade de uma resposta imediata às necessidades de uma população sem dinheiro que explica a presença do circuito inferior [...]*.”⁸ (SANTOS, 1979, p.274).

Logo, os elementos empíricos aqui tratados, nos levam a crer que a Feira Sudoeste se caracterizaria por se inserir no circuito inferior residencial. Nesse comércio, assim como nos demais ligados ao circuito inferior residencial, o trabalho comum tende a empregar trabalhadores locais não-qualificados, devido à baixa rentabilidade e à alta necessidade de

⁸ Grifo nosso.

mão-de-obra, que, frequentemente, tende a ser preenchida por uma parcela da população situada nas proximidades do local de trabalho, já que, em sua maioria, não há formalização do trabalho.

O que há de particular no caso estudado, apesar de ainda ligado à teoria dos circuitos, é que a Feira apresenta uma dinâmica muito mais efêmera e ligada à ausência de equipamentos e mobilidade nos conjuntos habitacionais recém-criados. À medida que esses conjuntos passam a ser apropriados e a ser relativamente interligados aos bairros mais próximos, a Feira Sudoeste, antes tão necessária, passa a se tornar supérflua, em função do próprio desenvolvimento de outros elementos desse circuito inferior residencial, como mini boxes adaptados nas casas, mercearias, bodegas etc.

Nesse contexto, em 2018 a maior parte dos trabalhadores da Feira Sudoeste eram residentes do bairro Três Irmãs, totalizando 75% dos feirantes. Destaca-se que deste montante, 50% residem no próprio conjunto habitacional Acácio Figueiredo. Além disso, nos chama atenção o fato de que apesar do Conjunto Major Veneziano possuir um acesso mais difícil à feira, se comparado ao loteamento Portal Sudoeste⁹, em ambos os casos a feira emprega o mesmo quantitativo de trabalhadores, 4,2% cada.

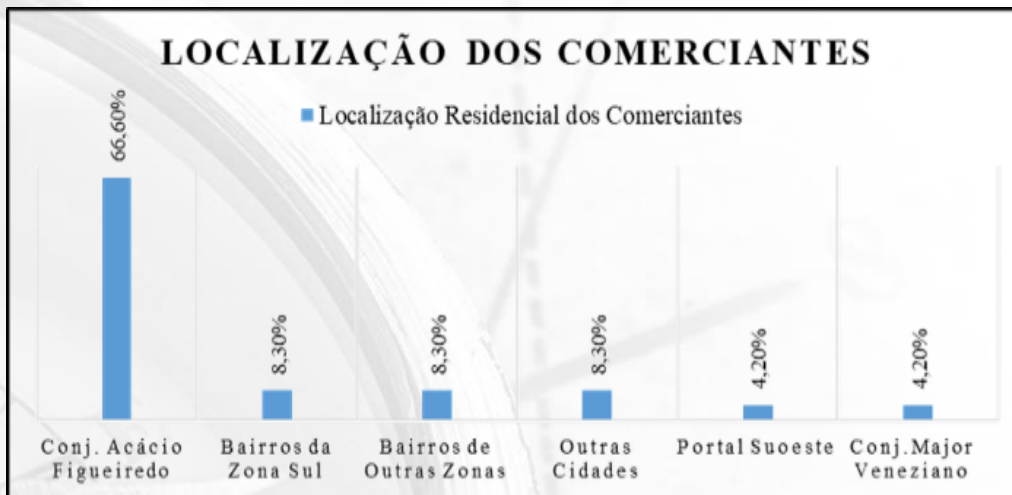
Este fato está atrelado ao maior nível de poder aquisitivo e, conseqüentemente, de qualidade de vida de parte dos moradores do Portal Sudoeste, que obtêm a moradia por meio de financiamentos via crédito bancário, através das corretoras e imobiliárias, traçando um outro perfil socioeconômico. Desta forma, nesta parcela do bairro não se possui uma maior mobilidade espacial se comparado aos conjuntos habitacionais recém-criados, considerando que o fator distância é superado pela mobilidade e acessibilidade promovidas pelos transportes individuais.

Nesse mesmo período, a Feira Sudoeste também empregava trabalhadores de municípios vizinhos a Campina Grande, como: Queimadas e Lagoa Seca, contabilizando 8,3% dos trabalhadores da feira. Em suma, estes eram agricultores que vendiam suas próprias produções nos meses seguintes aos períodos de safra. Estas características dos feirantes/agricultores demonstram a relação de interdependência entre o campo e a cidade, especialmente, na periferia, ocorrendo a conseguinte extração de renda do primeiro pelo segundo, intensificada no circuito inferior, onde os pequenos produtores têm maior acesso, emergindo-se como um meio de eliminar os atravessadores, aumentando a rentabilidade e a capacidade de reinvestimento em suas respectivas atividades.

⁹ O Portal Sudoeste é um loteamento habitacional criado por volta dos anos 2013, localizado no bairro Três Irmãs, sendo composto por 2.154 lotes.

Os comerciantes que se deslocavam de outras zonas da cidade correspondiam a 8,3% da parcela dos feirantes, oriundos de bairros como Bodocongó na zona oeste e Conceição na zona norte da cidade. Isso demonstra a dificuldade que moradores da periferia da cidade têm tido em encontrar ocupação e renda na cidade.

Figura 03 – Feira do sudoeste: bairro de origem dos feirantes (2018)



Fonte: Estudo de Campo, jun., 2018; realizado pelo autor (2018); elaboração dos autores (2019).

Na Feira Sudoeste a utilização do emprego familiar, predominantemente informal, é uma das formas de estabelecer redes de cooperação, seja através da busca por superar a ausência dos baixos investimentos de capital através de uma maior empregabilidade de mão de obra, seja auxiliando nas próprias atividades comerciais, como distribuição das mercadorias e na manutenção da infraestrutura. Esta organização do trabalho na feira resultava em 2018 a cerca de 104,1% a mais de empregos, ou seja, o número de trabalhadores da feira mais que dobrava em comparação ao número de barracas. Contudo, esses resultados não são particulares desta feira. A respeito desta forma de trabalho, Santos afirma que:

O emprego familiar é frequente nas pequenas empresas do circuito inferior. Ele permite que aumente a produção sem que haja necessidade de mobilizar mais capital de giro. Apelar para assalariados tornaria a pequena empresa pouco competitiva e a obrigaria a pagar encargos sociais e impostos (SANTOS, 1979, p.172).

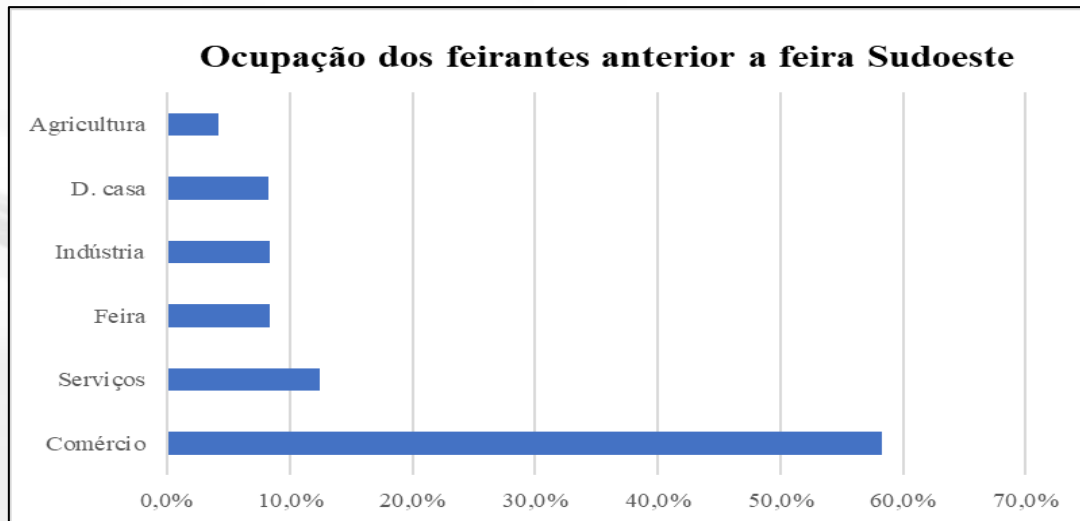
Diante dessa análise, buscamos identificar as pretéritas ocupações profissionais dos feirantes (Figura 4), assim percebemos que 92,7% deles nunca haviam trabalhado em feiras, o que nos leva a entender que a feira não nasce exatamente de uma necessidade desses trabalhadores informais desempenharem seu ofício original, e sim, de complementarem ou obterem integralmente a renda familiar. Este caso pode ser melhor

compreendido ao constatarmos que 54% destes trabalhadores possuíam experiência com o comércio, o que lhes confere diversas habilidades, como a capacidade de dialogar com os clientes, administrar ganhos e gastos, ter certo controle sobre as mercadorias e um senso de organização logística.

Destes trabalhadores mencionados, 84,5% eram mulheres, que tinham na feira a possibilidade de conseguirem um trabalho remunerado em sua dupla jornada (às vezes tripla): dona de casa e feirante, ou seja, a feira se apresenta, para estas, como uma maneira de alcançar certa independência financeira, mas em maior parte de complementação da renda para as finanças domésticas. Esse fato é algo muito comum, visto que o comércio no circuito inferior nos países subdesenvolvidos é marcado pela presença majoritária das mulheres (SANTOS, 1979). O que demonstra a dificuldade ainda maior das mulheres se inserirem no mercado formal¹⁰, ou no circuito superior e, portanto, uma desigualdade de gênero.

Por fim, como pode ser visto na figura 04, a caracterização da origem ocupacional dos feirantes nos permitiu inferir que 41,6% desses trabalhadores estavam atrelados a setores do circuito superior, principalmente, no setor terciário, comércio e serviços modernos, como a indústria e a construção civil, assim como 37,5% do total de trabalhadores informais advinham de setores do circuito inferior, principalmente de comércios próprios de pequena dimensão (bodegas, mini boxes, bancas em feiras) e, outra parte importante seria a do setor de serviços (cabelereiras, serviços gerais, diaristas), além de ambulantes, também pertencentes ao circuito inferior. Por fim, subtotalizaram 12,5% de pessoas que nunca haviam trabalhado em nenhum setor da economia urbana, em especial, as donas de casa.

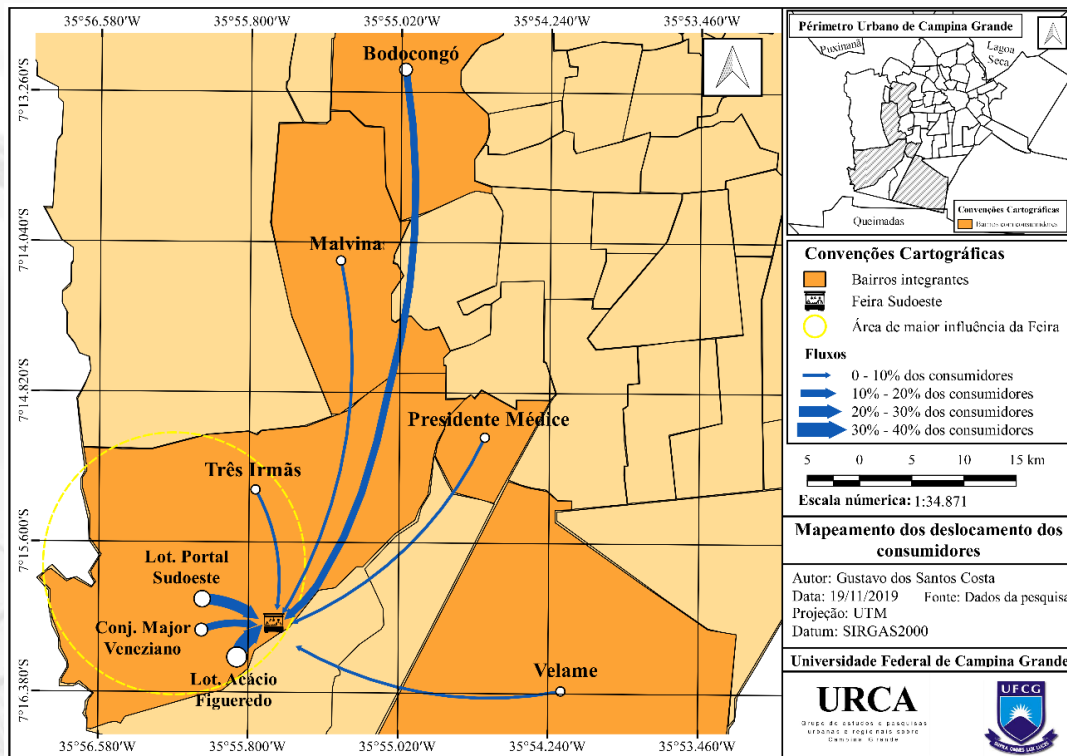
¹⁰ Com isso não queremos comparar o mercado formal ao circuito superior, visto que dentro do próprio mercado formal, podemos ter empresas do circuito inferior, ainda mais no atual regime de trabalho autônomo e terceirizado no Brasil, fruto das três últimas rodadas neoliberalizantes. Ver mais em: BRANDÃO, Carlos. Crise e rodadas de neoliberalização: impactos nos espaços metropolitanos e no mundo do trabalho no Brasil. **Caderno Metropolitano**, São Paulo, v. 19, n. 38, pp. 45-69, jan/abr. 2017.

Figura 04 – Feira Sudoeste: ocupação anterior dos feirantes

Fonte: Estudo de Campo, jun., 2018; realizado pelo autor (2018); elaboração dos autores (2022).

3.2 Perfil socioeconômico e mobilidade espacial dos consumidores

Tal como fora discutido anteriormente, o circuito inferior da economia urbana na porção sudoeste do bairro Três Irmãs atendia a uma demanda do bairro ou de residências próximas. Corroborando com o exposto, constatamos através da análise dos dados obtidos em questionários aplicados aos consumidores na Feira Sudoeste que cerca de 79% dos mesmos eram moradores do bairro Três irmãs, 13% residiam em bairros próximos e apenas 8% eram residentes de outras zonas da cidade, podendo ser visto de modo detalhado na figura 05.

Figura 05 – Feira Sudoeste: Mapeamento do deslocamento dos consumidores

Fonte: Estudo de campo realizado pelo autor (2018) elaboração do coautor (2019), base cartográfica (IBGE, 2018).

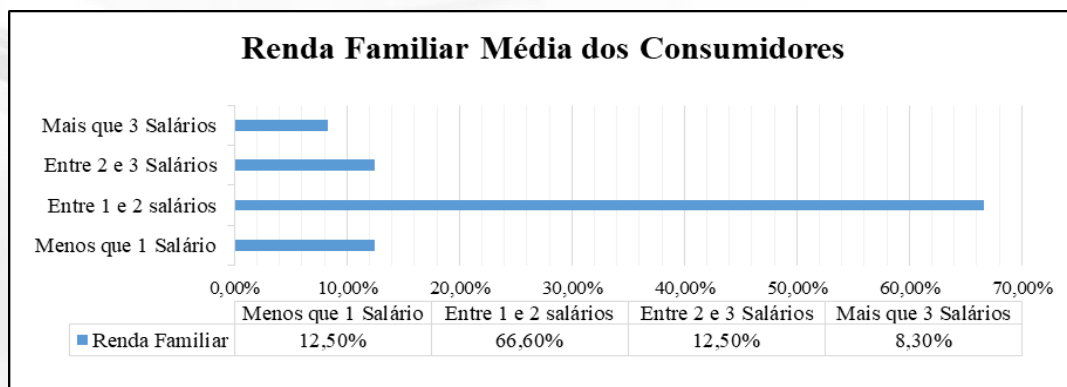
O baixo nível de renda e a localização geográfica são os principais fatores que levam ao consumo no recinto. No entanto, como pode ser visto na figura 06, 87,5% dos consumidores possuíam renda familiar acima de um salário-mínimo, sendo 20% deste grupo composto por indivíduos que possuíam renda familiar superior a 2 salários-mínimos e 8,3% composto por consumidores com renda familiar acima de 3 salários-mínimos, (Figura 06). Poderíamos entender como contraditório o consumo na feira por parte destes habitantes, com rendas maiores, visto que na cidade há formas comerciais com maior diversidade de mercadorias e com preços mais competitivos, entretanto, é necessário considerar que a maior parte do consumo na feira é de caráter complementar.

Este fenômeno ocorre pelo fato de que a “nova classe média brasileira¹¹”, assim como os demais estratos sociais, busca “emular os padrões de consumo” das camadas sociais de maior renda. Estas sim, conseguem consumir de acordo com o padrão dos países desenvolvidos (KERSTENETZKY, UCHÔA e SILVA *apud* ALMEIDA, 2015, p.11).

11 Segundo Oliveira (2012), devido ao aumento da qualidade de vida do Brasil surge uma “nova classe média”. Embora, faltem critérios objetivos para a delimitação da mesma, há um aspecto valorativo e aspiracional de que ser classe média é almejar uma vida melhor para o futuro e buscar distinção via padrão de consumo, no atual, a presente classe C demonstra tais características. Ver mais em: OLIVEIRA, Fabiana Luci. A nova classe média brasileira. **Pensamento Iberoamericano**, v. 10, p. 105-131, 2012.

Colocadas essas restrições de prestígio e consumo, as classes médias¹² “são frequentemente obrigadas a recorrer ao circuito inferior para outros consumos, geralmente os consumos correntes, como os de produtos alimentícios” (SANTOS, 1979, p.39).

Figura 06 – Gráfico da renda familiar dos consumidores



Fonte: Estudo de campo em Jul, 2018 realizado pelo autor (2018), elaboração dos autores (2019).

A esta análise deve-se incluir o fator distância para com os supermercados e comércio moderno – comum aos bairros pobres dos países subdesenvolvidos –, desse modo, implica em uma necessidade da nova classe média (ou pobres com uma maior renda) residente na periferia consumir no circuito inferior de localização residencial¹³. Paralelo a esse fato, as prestações das parcelas do financiamento habitacional acabam enxugando os gastos da classe média que mora nos residenciais, a exemplo do Portal Sudoeste, sendo preferível evitar custos com deslocamento.

A escolha por este tipo de habitação por parte da “nova classe média brasileira”, loteamentos residenciais planejados localizados nas áreas periféricas, está associado à (re)produção do espaço com bases em modelos urbanísticos de padrão horizontal, ofertando bairros sutilmente planejados a preços acessíveis, a determinados estratos da classe trabalhadora.

Apesar dessa questão, o nível de renda desses moradores permitia que 66,6% destes consumissem em outros bairros, como no Centro e na Prata (Feira Central e Feira da Prata respectivamente), além de supermercados de grandes dimensões, os atacarejos, como Assaí, no bairro Jardim Paulistano e Atacadão, na Zona Norte da cidade. Os 33,3% restantes consumiam em mercados de porte médio no bairro Malvinas (Zona Oeste da cidade) e em mini boxes do próprio bairro.

¹² Apesar de utilizarmos esse conceito por uma opção metodológica, não negamos a existência das classes (dominantes e dominadas), ou seja, a luta de classes.

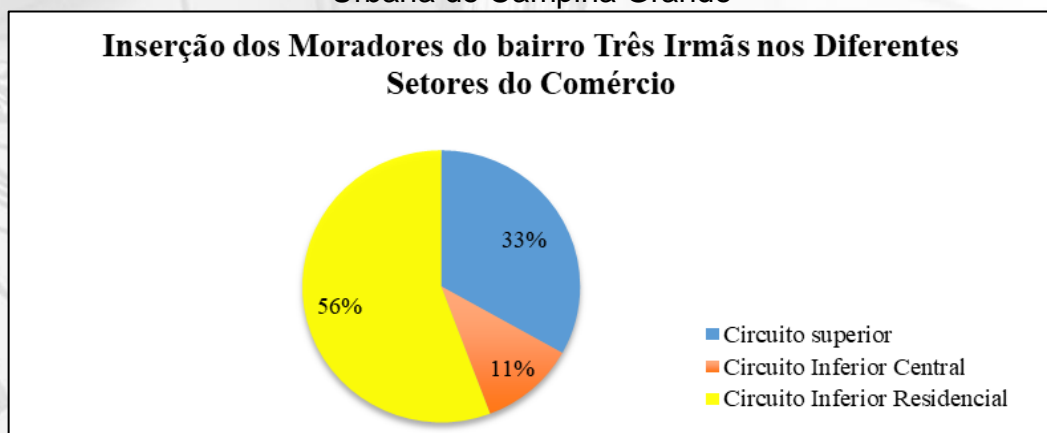
¹³ Para Santos (1979), o efeito-demonstração, deforma o perfil da demanda das populações pobres, sua inserção no consumo moderno, retira seu dinheiro líquido, levando a necessidade de consumo no circuito inferior, demonstrando dessa maneira, que o aumento a importância do circuito inferior resulta em uma ampliação do circuito inferior.

Na contramão do padrão de consumo mencionado, os moradores dos conjuntos Acácio Figueiredo e Major Veneziano, conjuntos habitacionais de baixa renda, possuíam um raio de consumo menor. O acesso às feiras na área central da cidade se restringia a apenas 11,1% dos moradores da localidade, que procuravam mercados mais próximos, como os mini boxes do próprio bairro (33%), ou mercados de porte intermediário com acesso ao crédito pessoal (22%) em bairros próximos, como Malvinas, ou pouco distantes, como o bairro da Liberdade.

Tal como está representado na figura 07, os consumidores locais restantes (33%) que possuíam maior poder aquisitivo, acesso a crédito ou a transportes individuais, buscavam Supermercados atacarejistas como o Assaí no bairro Jardim Paulistano e o Maxi Atacado, localizado no bairro Dinamérica, ambos ainda na Zona Norte da cidade.

Portanto, podemos atestar que haviam diferentes estratos sociais e espaciais no bairro das Três Irmãs com referência ao acesso desigual do consumo, ou seja, com um diferencial de consumo difuso, em função da renda, de distintas exposições ao efeito-demonstração¹⁴, do acesso ao crédito, e principalmente, das condições de mobilidade.

Figura 07 – Consumo dos moradores por setor do comércio nos circuitos da Economia Urbana de Campina Grande



Fonte: Estudo de campo em Jul, 2018 realizado pelo Autor (2018); Elaboração dos autores (2019).

No que diz respeito à inserção dos diferentes moradores nos subcircuitos, os moradores do loteamento do Portal possuíam acesso ao comércio moderno em mesma medida que os moradores do Acácio Figueiredo e Major Veneziano. No entanto, os tipos de produtos consumidos no comércio moderno por esses últimos, tendem a se restringir aos mais essenciais e de menor custo. Condição que é paralela à dificuldade de acesso ao

¹⁴ O efeito-demonstração é a necessidade artificial nos países subdesenvolvidos de consumir produtos importados, modernos. Para mais, ver Santos (1979). A proximidade da classe média a estratos socioeconômicos superiores, lhe confere um ímpeto maior de consumo a bens de capital em relação às camadas mais pobres residentes nos conjuntos habitacionais.

circuito inferior central, fato que demonstra o quanto o raio e potencial de consumo desses mesmos moradores é menor se comparado aos moradores dos loteamentos do Portal Sudoeste. Assim, é possível compreender que o circuito inferior passa a ter uma importância relativa para o bairro, sendo mais importante para a população com menor poder aquisitivo, tornando-se um meio de incluí-los socialmente a partir do consumo dos respectivos espaços.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo revela um processo de segregação atrelado ao aumento do desemprego na cidade, refletido de modo ainda mais incidente sobre as populações periféricas. O afastamento do centro da cidade, e, portanto, de possíveis postos de trabalho em suas formas usuais de aquisição de renda, levam a dirimir as condições dignas de vida urbana e acesso a outros espaços da cidade, especialmente de consumo para reprodução da vida. Esse processo implica na inserção desses moradores segregados no circuito inferior da economia, passando a adaptar suas casas às bodegas e mini boxes, seja por meio de bancas nos quintais e calçadas ou da ocupação de terrenos ociosos, como foi o caso da criação da Feira Sudoeste no Conjunto habitacional Acácio Figueiredo.

Percebe-se também que há uma estratificação socioespacial dentro da própria periferia da Alça Sudoeste da cidade, tendo em vista que os moradores dos Loteamentos do Portal têm um acesso bem maior ao circuito inferior central e superior da cidade, se comparado aos moradores do Acácio Figueiredo e Major Veneziano, que consomem principalmente no circuito inferior residencial, demonstrando que a renda é função do alcance de consumo. No entanto, em ambos os estratos há sim uma segregação socioespacial visível.

Os dados levantados, expostos nos gráficos e mapas, revelam a interação existente nos anos 2018 entre a Feira Sudoeste com o bairro Três Irmãs, em especial, com os conjuntos habitacionais Portal Sudoeste, Major Veneziano e Acácio Figurado, sendo neste último a relação mais significativa. Nesse sentido, a respectiva feira livre apresentava-se como um instrumento fundamental para a promoção do desenvolvimento socioespacial, tendo em vista que a mesma intensificava o fluxo de capitais tanto no bairro quanto entre bairros circunvizinhos, e, ao passo que parte da população avançava em qualidade de vida, conseqüentemente, havia a ampliação do poder de consumo, gerando efeitos multiplicadores em escala local. Acrescenta-se ainda que a organização popular tem o potencial de denunciar as contradições sociais em que estão inseridos, sendo as principais

delas: a precarização do trabalho, a negação do direito a cidade e a negação do direito ao trabalho.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. R. G. **Mobilidade Social Sem Mobilidade Espacial: “nova classe média” e transformações no espaço urbano em Campina Grande (PB)** – Campina Grande, 2015. 107p. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais) –Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.

ARAUJO, M. M.de B.; MINADEO, R.; F. T. **ATACAREJO: tendência que veio para ficar ou mero modismo?** In: IX CONVIBRA, 2011, -. IX ANAIS DO CONVIBRA, 2011.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.

BRANDÃO, C. **Crise e rodadas de neoliberalização: impactos nos espaços metropolitanos e no mundo do trabalho no Brasil**. Caderno Metropolitano., São Paulo, v. 19, n. 38, pp. 45-69, jan/abr. 2017.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: HUCITEC, 1980.

HARVEY, D. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

IBGE. **Censo Demográfico**– IBGE, 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_o_domicilios.pdf. Acessado em 19 de dezembro de 2019.

MAIA, D. S. **A periferização e a fragmentação da cidade: loteamentos fechados, conjuntos habitacionais populares e loteamentos irregulares na cidade de Campina Grande-PB**, Brasil. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2010, vol. XIV, nº 331 (80). Disponível em :<<http://www.ub.es/geocrit/sn/ sn-331/sn-331-80.htm>>. [ISSN: 1138-9788].

MESTRE, A. P. Novos contextos urbanos periféricos: um diálogo entre o consumo produtivo de energia elétrica e o circuito inferior da economia urbana na metrópole paulista. In: DANTAS, A; ARROYO, M; CATAIA, M. **Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção: um diálogo com a teoria de Milton Santos**. Natal: Sebo vermelho, 2017.

MONTENEGRO, M. R. **O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização**. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, F. L. **A nova classe média brasileira**. Pensamiento Iberoamericano , v. 10, p. 105-131, 2012.

SANTOS, M. **O Espaço Dividido: Os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: EDUSP, 1993.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, E. S. **A Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana nos Países Subdesenvolvidos: seu esquecimento ou sua superação?** Caderno Prudentino de Geografia. Presidente Prudente :AGB, 1999, n.21. p. 43-51.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Nobel, 2017
